

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas (FaExp)

THIAGO PEREIRA DE SOUZA

PARINTINS – 2025.

THIAGO PEREIRA DE SOUZA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO:

Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas (FAEXP)

Relatório de Estágio Supervisionado submetido à
Universidade Federal do Amazonas – Instituto de
Ciências Sociais, Educação e Zootecnia como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do Grau
de Bacharel em Zootecnia.

Orientador (a): Prof. Dra. Soraya Farias de Andrade Freitas

Supervisor (a): M.Sc. Hugo Haick Perdigão

PARINTINS – 2025.

THIAGO PEREIRA DE SOUZA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO:

Fazenda Experimental – FAEXP

APROVADO em 09 de dezembro de 2025.



Documento assinado digitalmente
FRACIENE DIAS RIBEIRO
Data: 10/12/2025 12:10:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MSc. Franciene Dias Ribeiro



Documento assinado digitalmente
ANTONIO FABIO LOPES DE SOUZA
Data: 10/12/2025 11:16:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Antônio Fabio Lopes de Souza



Documento assinado digitalmente
SORAYA FARIAS DE ANDRADE FREITAS
Data: 10/12/2025 11:45:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Soraya Farias de Andrade Freitas
(Presidente da Banca)

DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho à pessoa mais incrível, o ser humano mais extraordinário que tive a oportunidade de conhecer e a honra de vir a esse mundo como seu neto. Todo o meu esforço dedico à senhora, Dona Virginia, minha vó amada que sempre esteve comigo, me aconselhando e, principalmente, me dando sua benção todos os dias que saia de casa, agradeço por ter ajudado a me tornar praticamente todo o homem que sou hoje”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade da vida, pela saúde e pela força concedida para enfrentar todos os desafios dessa caminhada acadêmica.

À minha mãe Julia Maria Pereira de Souza, pelo exemplo de caráter e dignidade, e por nunca medir esforços para me ver conquistar meus sonhos. Foi sua coragem, seus conselhos e sua dedicação que me ensinaram a importância da persistência. Em cada conquista que alcanço, há a sua presença, seu sacrifício e sua torcida silenciosa. Sou eternamente grato por tudo que fez e continua fazendo por mim.

Aos meus Irmãos, João Marcos, Jucilene e Juliana pelo apoio incondicional, amor e incentivo constante em cada etapa.

Aos meus amigos, pela convivência, pelas conversas leves nos momentos de tensão e pelo companheirismo durante toda a graduação. Cada um de vocês teve papel importante na minha graduação.

À minha namorada, Lucia Brandao pelo amor, paciência e compreensão em todos os momentos, principalmente nos dias difíceis, em que sua presença e palavras de apoio foram essenciais para eu não desistir. Obrigado por caminhar ao meu lado e acreditar em mim mesmo quando eu duvidei.

À minha orientadora, Dra. Soraya Farias de Andrade Freitas, minha sincera gratidão pela orientação, paciência e disponibilidade ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho.

Ao supervisor Hugo Perdigão que não mediu esforços para orientar e ajudar durante período de estágio.

A todos os funcionários da Fazenda Experimental da Ufam – FaExp. Que nos receberam com bastante atenção e cuidado no período de estágio.

Por fim, deixo aqui minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão de mais essa etapa da minha vida.

Muito obrigado!

Fé!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVO	14
2.1 Objetivo geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	15
3.1 Fazenda Experimental – FaExp	15
3.2 Estrutura física da instituição	17
3.3 Setor de Bubalinocultura.....	18
3.4 Setor de Ovinocultura	22
3.5 Setor de Criação Intensiva de Catitus	24
3.6 Setor de Suinocultura	26
3.7 Setor de Avicultura	29
4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	31
4.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR BUBALINOCULTURA	31
4.1.1 Manejo alimentar	31
4.1.2 Produção de ensilagem.....	33
4.1.3 Higienização das instalações.....	35
4.1.4 Diagnóstico de gestação e pesagem dos animais	37
4.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE OVINOCULTURA.....	38
4.2.1 Manejo alimentar	38
4.2.2 Higienização das instalações.....	40
4.2.3 Coleta de amostras para experimento científico e diagnóstico FAMACHA	41
4.2.4 Acompanhamento de aplicação de medicamentos.....	42
4.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE CRIAÇÃO INTENSIVA DE CATITUS (PECARI TAJACU)	43
4.3.1 Manejo alimentar	43
4.3.2 Higienização das instalações.....	43
4.3.3 Biometria e acompanhamento de abate.....	44
4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE SUÍNOS	45
4.4.1 Manejo alimentar	45
4.4.2 Higienização das instalações.....	46
4.4.3 Acompanhamento de aula prática de pós-graduação	47

4.5	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE AVICULTURA	47
4.5.1	Manejo alimentar	47
4.5.2	Higienização das instalações.....	48
4.5.3	Coleta de ovos.....	49
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6.	REFERÊNCIAS	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logo da Fazenda Experimental (FaExp)	15
Figura 2 - Estrutura Organizacional da FaExp	16
Figura 3 - Mapa da Localização dos Setores	17
Figura 4 - Fábrica de ração	18
Figura 5 - Garagem e Oficina	18
Figura 6 - Depósito de ração	18
Figura 7 - Setor de Bubalinocultura	19
Figura 8 - Croqui da Instalação de Bubalinocultura.....	19
Figura 9 - Cocho (A); Bebedouro (B); Bebedouro de Metal (C)	20
Figura 10 - Área de Contenção.....	20
Figura 11 - Mapa dos Piquetes	21
Figura 12 - Bebedouro (A); Cocho (B); Sombrite (C)	21
Figura 13 - Mapa dos Piquetes	22
Figura 14 - Setor de Ovinocultura	22
Figura 15 - Croqui da Instalação dos Ovinos	23
Figura 16 - Bebedouros (A); Cochos (B); Armazenamento da ração (C)	23
Figura 17 - Área de Contenção dos Ovinos.....	24
Figura 18 - Bebedouro (A); Cocho Coberto (B)	24
Figura 19 - Setor de Criação Intensiva de Catitus	25
Figura 20 - Croqui da Instalação da Criação Intensiva de Catitus	25
Figura 21 - Armazenamento da ração (A); Bebedouros (B); Cocho (C).....	25
Figura 22 - Estrutura Coberta para acúmulo de Dejetos	26
Figura 23 - Setor de Suinocultura.....	26
Figura 24 - Croqui da Instalação dos Suínos.....	27
Figura 25 - Área de Pesagem (A); Pedilúvios (B); Farmácia (C)	27
Figura 26 - Bebedouros (A); Cocho (B).....	28
Figura 27 - Abastecimento de Água	28
Figura 28 - Esterqueira	29
Figura 29 - Setor de Avicultura	29
Figura 30 - Croqui da Instalação de Avicultura	30
Figura 31 - Bebedouros (A); Comedouros (B); Ninhos (C), Sala da Ração (D).....	30
Figura 32 - Área Externa	31
Figura 33 - Animais Pastejando	31

Figura 34 - Alimentação para os animais confinados.....	32
Figura 35 - Mapa do Piquete de Gestação	33
Figura 36 - Animais Pastejando (A); Alimentação ao Cocho (B).....	33
Figura 37 - Processamento da Produção de Ensilagem.....	34
Figura 38 - Limpeza das Baias	35
Figura 39 - Espaço para os Dejetos	35
Figura 40 - Limpeza dos Bebedouros.....	36
Figura 41 - Limpeza dos Comedouros	36
Figura 42 - Contenção dos Animais	37
Figura 43 - Diagnostico por Imagens	37
Figura 44 - Aula Prática.....	38
Figura 45 - Animais Pastejando (A); Alimentação de Sal Mineral no Cocho (B)	39
Figura 46 - Alimentação ao Cocho.....	39
Figura 47 - Fornecimento de Arroz Nativo (<i>Echinochloa crus-galli</i>).....	40
Figura 48 - Limpeza das Baias	40
Figura 49 - Limpeza dos Comedouros (A); e Bebedouros (B)	41
Figura 50 - Coleta de Fezes	41
Figura 51 - Cartão FAMACHA.....	42
Figura 52 - Aplicação de Ferro.....	42
Figura 53 - Alimentação dos Animais.....	43
Figura 54 - Limpeza das Baias	43
Figura 55 - Cochos	44
Figura 56 - Captura (A); Biometria (B); Aplicações de Medicamentos (C); Insensibilização (D); Corte na Jugular (E); Sangria (F); Transporte (G).....	45
Figura 57 - Alimentação	46
Figura 58 - Banho nos Animais (A) e Limpeza das baias (B).....	47
Figura 59 - Aula prática.....	47
Figura 60 - Alimentação das Aves	48
Figura 61 - Limpeza das Baias e Piscina.....	48
Figura 62 - Coleta dos ovos.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amazonas
BR	Rodovia Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
CES	Câmara de Educação Superior
DPM	Desintegrador, Picador e Moedor
FaExp	Fazenda Experimental da Ufam
g	gramas
IATF	Inseminação Artificial em Tempo Fixo
KG	Quilogramas
L	Litros
MAPA	Ministério da Agricultura e Pecuária
PVC	Polímero Policloreto de Vinila
RIISPOA	Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal
RR	Roraima
SUFRAMA	Superintendência da Zona Franca de Manaus
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

O Estágio Supervisionado Obrigatório foi realizado na Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas (FaExp), no período de 23 de setembro a 22 de novembro de 2025, totalizando 300 horas de atividades práticas. Com objetivo geral deste relatório de descrever e analisar as atividades desenvolvidas durante o estágio, evidenciando a integração entre teoria e prática para o aprimoramento profissional no âmbito da Zootecnia. O estágio ocorreu nos setores de bubalinocultura, ovinocultura, suinocultura, avicultura e criação intensiva de catitis (*Pecari tajacu*), abrangendo rotinas de manejo alimentar, sanitário e reprodutivo, além de atividades técnicas como biometria, diagnósticos reprodutivos, produção de ensilagem, acompanhamento de abates, coleta de fezes e monitoramento de variáveis ambientais. A vivência possibilitou a integração entre teoria e prática, favorecendo o desenvolvimento de habilidades profissionais essenciais à atuação do zootecnista. A participação em aulas práticas, projetos de pesquisa e rotinas de manejo ampliou a compreensão sobre bem-estar, biossegurança, sistemas produtivos e eficiência zootécnica, conforme preconizado pela literatura da área. Conclui-se que o estágio proporcionou formação sólida, visão multidisciplinar e aprimoramento técnico, contribuindo significativamente para a qualificação profissional do discente.

Palavras-chave: manejo animal, sistemas produtivos, zootecnia aplicada

ABSTRACT

The Mandatory Supervised Internship was carried out at the Experimental Farm of the Federal University of Amazonas (FaExp), from September 23 to November 22, 2025, totaling 300 hours of practical activities. The general objective of this report is to describe and analyze the activities carried out during the internship, highlighting the integration between theory and practice for professional development in the field of Animal Science. The internship took place in the buffalo, sheep, pig, poultry, and intensive peccary (Pecari tajacu) farming sectors, encompassing routines of feed, health, and reproductive management, as well as technical activities such as biometrics, reproductive diagnostics, silage production, slaughter monitoring, feces collection, and environmental variable monitoring. The experience allowed for the integration of theory and practice, promoting the development of professional skills essential for the work of an animal scientist. Participation in practical classes, research projects, and management routines broadened understanding of animal welfare, biosecurity, production systems, and zootechnical efficiency, as outlined in the literature in the field. It is concluded that the internship provided solid training, a multidisciplinary perspective, and technical improvement, significantly contributing to the student's professional qualification.

Keywords: sistemas produtivos, production systems, applied animal science

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Zootecnia do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ, que é regulamentado pelo parecer CNE/CES N.º337/2004, dispõe a realização do estágio supervisionado obrigatório, em instituições que possuem convênio podendo ser governamentais ou não governamentais. Essa vivência prática permite ao estudante acompanhar a rotina dos sistemas de produção animal, compreender o funcionamento das unidades produtivas e aprimorar sua capacidade de análise crítica, tomada de decisão e resolução de problemas ligados ao manejo animal.

A Fazenda Experimental da UFAM (FaExp) desempenha um papel estratégico para o ensino, pesquisa e extensão, oferecendo uma ampla infraestrutura destinada à realização de atividades acadêmicas em diversas áreas das ciências agrárias. Ao longo dos anos, a FaExp consolidou-se como um espaço de formação prática e científica, abrigando setores produtivos voltados para a criação de diferentes espécies, além de laboratórios e instalações que proporcionam condições adequadas para experimentação, monitoramento e aprendizagem aplicada (FaExp, 2025).

O presente relatório descreve as atividades realizadas durante o período de estágio, destacando os manejos alimentares, sanitários e reprodutivos observados e executados nos setores de bubalinocultura, ovinocultura, suinocultura, avicultura e criação intensiva de catitus.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Cumprir integralmente as exigências curriculares do Curso de Bacharelado em Zootecnia, por meio da realização do Estágio Supervisionado Obrigatório, visando a integração entre teoria e prática para aprimoramento profissional e pessoal, atuando em sistemas de produção animal.

2.2 Objetivos Específicos

- Participar e acompanhar as rotinas e atividades de manejos (alimentar, sanitário e reprodutivo) executadas em diferentes espécies;
- Acompanhar aulas práticas e atividades de pesquisa realizadas na fazenda;
- Aplicar os conhecimentos adquiridos na graduação na execução das atividades práticas, contribuindo para a melhoria das rotinas de manejo.

3. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

3.1 Fazenda Experimental – FaExp

A Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas – UFAM (FaExp) (Figura 1), foi criada no ano de 1974, em uma área doada pela SUFRAMA. Devido a inúmeros fatores, dentre eles a falta de recursos financeiros e logísticos, entre 1979 e 1980, o seu processo de ocupação foi interrompido e sua gestão passou a ser exercida pela Fundação Centro de Apoio ao Distrito Agropecuário. Tal gestão durou até 1994, quando a administração da Fazenda passou novamente a ser exercida pela UFAM. Em 2000, esta área experimental, foi transformada em um órgão suplementar da UFAM, vinculado à Reitoria (FaExp, 2025).

Figura 1 - Logo da Fazenda Experimental (FaExp)



Fonte: FaExp (2025)

A fazenda experimental atualmente é organizada para atender as três finalidades institucionais: ensino, onde oferece todos os suportes para as disciplinas que requerem atividades práticas de campo, como manejo florestal, solos, botânica, zootecnia, ecologia, melhoramento genético, aquicultura e outras áreas afins; no âmbito da pesquisa, a fazenda abriga estudos nas áreas de dinâmica florestal, silvicultura, regeneração natural, sistemas agroflorestais, manejo sustentável, avaliação de recursos hídricos, comportamento animal, nutrição e desenvolvimento de tecnologias adaptadas às condições amazônicas; e em relação a trabalhos de extensão realizadas na FaExp também merecem destaque, durante o ano a fazenda realiza eventos como o “Dia de Campo” que atraem centenas de agricultores, promovendo diálogos, exposições de tecnologias agropecuárias, boas práticas ambientais e soluções inovadoras para a agricultura familiar. Durante esses eventos são ofertados oficinas,

curios e treinamentos, aproximando a universidade à comunidades rurais e contribuindo diretamente para o desenvolvimento agropecuário.

A estrutura organizacional da FaExp (Figura 2) está configurada através de um conselho de gestão, que inclui Diretoria, responsável pelo planejamento e gestão; Secretaria, tem como finalidade a execução das atividades de natureza administrativa; Coordenador Administrativo, é responsável por implementar o planejamento, e coordenar, supervisionar e acompanhar as atividades administrativas, visando a eficiência das atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e de ciência e inovação tecnológica desenvolvidas; e Coordenador Técnico, é responsável por implementar o planejamento, e coordenar, supervisionar, acompanhar e controlar as atividades de campo da FaExp, visando a eficiência das atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e de ciência e inovação tecnológica desenvolvidas, ambas possuem equipes de apoio, que serão composta por servidores públicos lotados na FaExp ou docentes, discentes, bolsistas, estagiários, voluntários e pessoas que estiverem exercendo atividades na fazenda.

Figura 2 - Estrutura Organizacional da FaExp



Fonte: FaExp (2025)

3.2 Estrutura física da instituição

A Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas – UFAM (FaExp), fica localizada no km 38, BR 174 que interliga o município de Manaus (AM) a Boa Vista (RR). Realização do estágio foi durante os dias 23 de setembro a 22 de novembro de 2025, com carga horária semanal de 36 horas, totalizando 300 horas, especialmente nos setores produtivos, onde foram coletados os dados para elaboração do relatório, através de atividades de rotina.

A fazenda experimental é constituída, atualmente, por cinco setores produtivos (Figura 3) e conta com vinte trabalhadores destinados a realização de manutenções e quatro tratadores destinados a serviços com os animais, que atuam em sistema de revezamento diário.

Figura 3 - Mapa da Localização dos Setores



Fonte: Adaptado de Google Maps (2025)

Além dos setores, a fazenda possui uma garagem e oficina (Figura 4), onde, ficam guardados os dois tratores e implementos agrícolas usados no campo, que servem também para reparos. Há uma fábrica de ração (Figura 5), com 80m², voltada para formulação e produção dos alimentos para os animais da fazenda, equipada com um triturador, um misturador de 500 kg, uma DPM (Desintegrador, Picador e Moedor), uma balança para capacidade de 200 kg e uma balança de precisão. Depois que a ração é formulada, é encaminha para um amplo depósito de rações.

Figura 5 - Garagem e Oficina



Fonte: Autoria própria

Figura 4 - Fábrica de ração



Fonte: Autoria própria

O depósito (Figura 6) onde ficam armazenado a ração e insumos utilizados na alimentação dos animais, é uma área ampla, com piso de cerâmica, o que facilita a limpeza e diminui o acúmulo de poeiras e umidades.

As rações são colocadas em sacas, identificadas, empilhadas sobre paletes de madeira, o que evita o contato direto com o chão e contribui para prevenir possíveis contaminações. O depósito possui paredes parcialmente rebocadas, o teto possui forro de PVC, e as janelas são vedadas para impedir entradas de roedores. A sala tem dois ar-condicionados instalados, que mantém a temperatura do ambiente mais estável, importante para conservar determinados insumos.

Figura 6 - Deposito de ração



Fonte: Autoria própria

3.3 Setor de Bubalinocultura

O setor de bubalinocultura (Figura 7) da fazenda experimental é uma área voltada exclusivamente para pesquisas em animais de grande porte, e atualmente, abriga búfalos das

raças Murrah, Jafarabadi e Mediterrâneo. São abrigados no setor um total de 19 animais, sendo 13 fêmeas, 3 machos (dois machos são inteiros e um castrado, sendo que o animal castrado é fistulado) e 3 bezerras desmamadas.

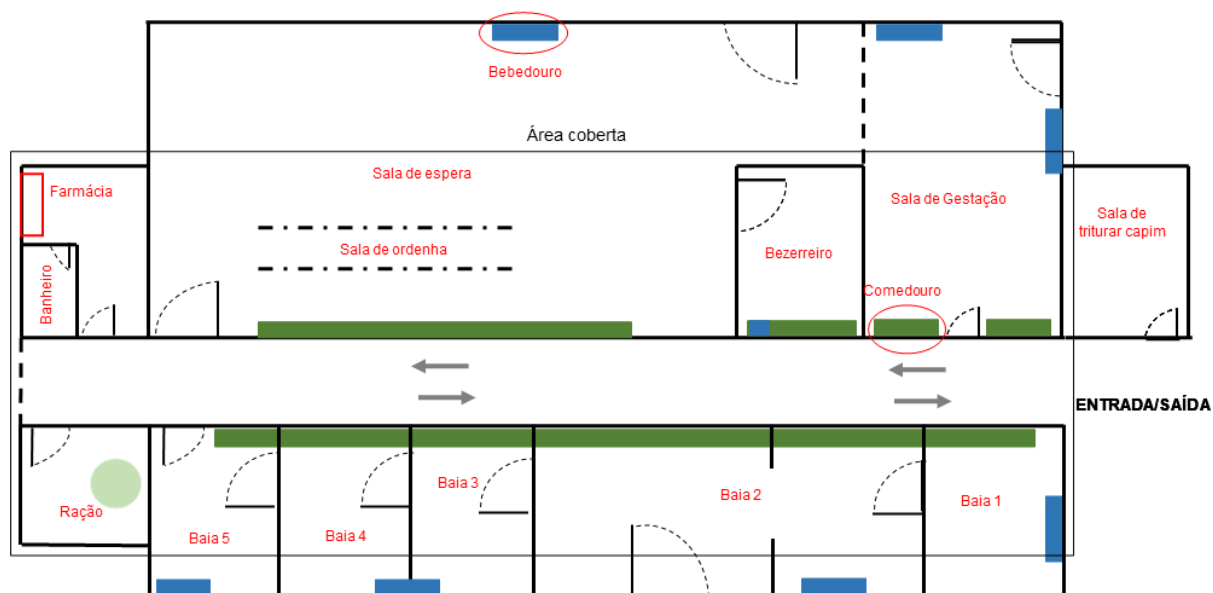
Figura 7 - Setor de Bubalinocultura



Fonte: Autoria própria

O setor conta com uma estrutura conforme a Figura 8, comportando 5 baias; espaço para armazenamento de rações; farmácia para organização de medicamentos, para medidas profiláticas; sala de ordenha, local exclusivo para ordenha mecânica das búfalas, contendo sala de espera, onde, as demais búfalas esperam para serem ordenhadas, conforme a linha de ordenha adotada; bezerreiro, local, para abrigar durante a noite as bezerras desmamadas; sala de gestação, exclusivamente para búfalas gestantes; e uma sala voltada para a preparação de alimento através da trituração do capim.

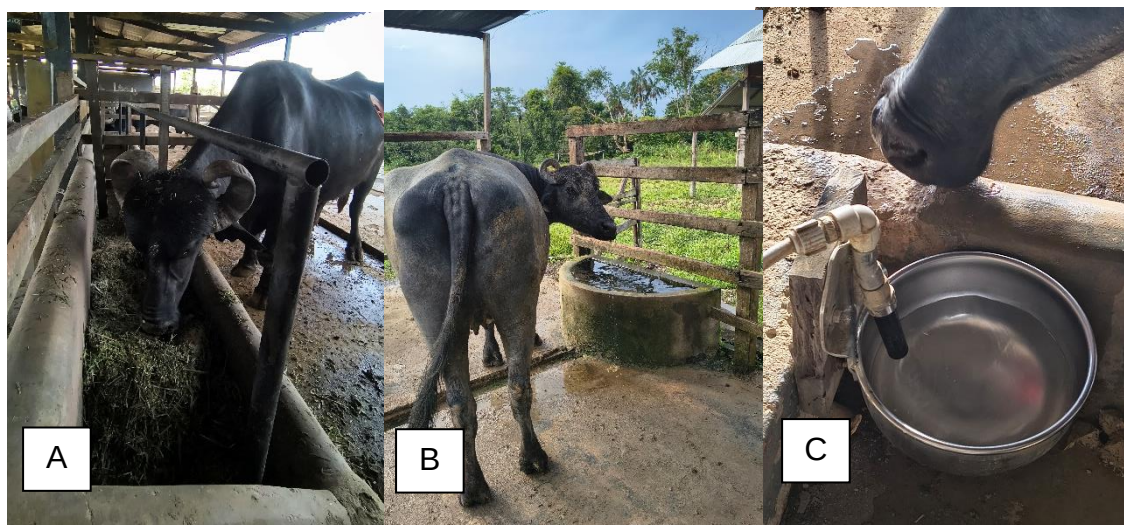
Figura 8 - Croqui da Instalação de Bubalinocultura



Fonte: Autoria própria

A instalação de bubalinos, tem estrutura cimentada de cochos de alimentação (Figura 9A) e bebedouros (Figura 9B), de uso coletivo, no espaço do bezerreiro há um bebedouro de metal (Figura 9C), com um sistema de abastecimento de água automático.

Figura 9 - Cocho (A); Bebedouro (B); Bebedouro de Metal (C)



Fonte: Autoria própria

Próximo ao setor de bubalinos, há uma área destinada para contenção dos animais (Figura 10), com currais de manejos, seringa e brete para organização dos animais a serem manejados. A área possui um tronco de contenção, com projeção de uma balança acoplada, no qual, são realizados todos os manejos, como pesagens e procedimentos veterinários.

Figura 10 - Área de Contenção



Fonte: Autoria própria

As búfalas são manejadas em um sistema de pastejo rotacionado em uma área de 11,55 hectares, divididos em 12 piquetes (Figura 11), com espécie de forrageira braquiária (*Urucloua decumbens*).

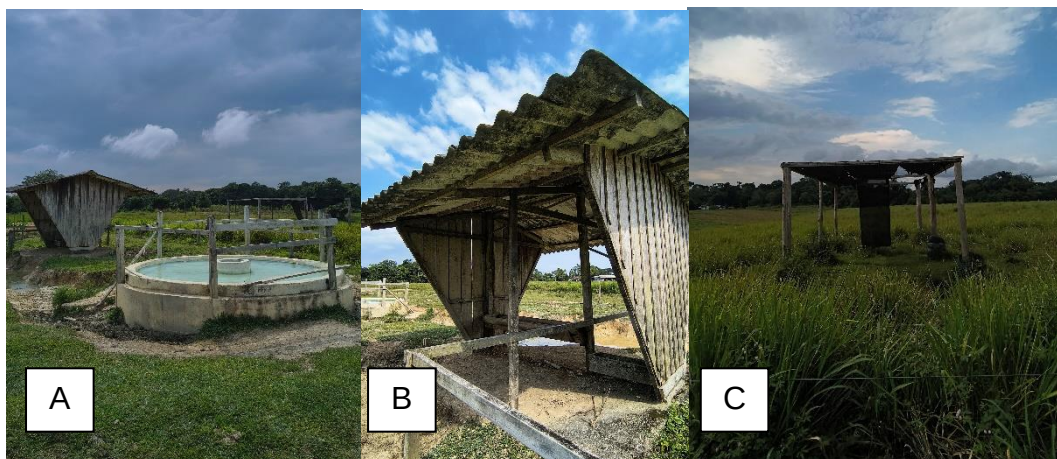
Figura 11 - Mapa dos Piquetes



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

Os piquetes são delimitados por cercas com fios elétricos, e ao meio dos piquetes, há área denominada “praça de alimentação”, que possui o fornecimento de bebedouros do tipo automático (Figura 12A) com água limpa, cocho coberto com (Figura 12B) adição de sal mineral e uma pequena estrutura com sombrites (Figura 12C). Alguns piquetes tem terrenos acidentados e acumulam poços de água, o que para bubalinos é uma ótima opção para amenizar o calor, através do chafurdar, que é um comportamento natural e fisiológico de termorregulação.

Figura 12 - Bebedouro (A); Cocho (B); Sombrite (C)



Fonte: Autoria própria

Há também outra área com 1,96 hectares, divididos em 4 piquetes (Figura 13), com espécie de forrageira braquiária (*Uruclia decumbens*). Esses piquetes são utilizados pelos búfalos machos que vão ao pasto, juntamente com as ovelhas, que também tem a oferta de bebedouro automático. Próximo a este local há uma área de 0,75 hectares de capineira, com

capim Mombaça (*Megathyrsus maximun*), que serve de complemento na opção de capim triturado na alimentação dos bubalinos.

Figura 13 - Mapa dos Piquetes



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

3.4 Setor de Ovinocultura

O setor de ovinocultura (Figura 14) possui um aprisco destinado à atividades acadêmicas, com um total de 16 animais, sendo 13 fêmeas da raça Santa Inês, 1 reprodutor da raça Dorper, e 2 borregos, da raça Santa Inês. Estruturalmente, o aprisco possui assoalho de 2 metros, feito com ripas de madeiras de 10 centímetros de largura e um espaçamento de 2 centímetros para cada ripa.

Figura 14 - Setor de Ovinocultura



Fonte: Autoria própria

A instalação (Figura 15) é projetada levando em consideração o bem estar dos animais, contendo 8 baias, podendo ser de uso coletivo e 5 baias individuais, sendo alojados animais que necessitam cuidados especiais ou pesquisas específicas.

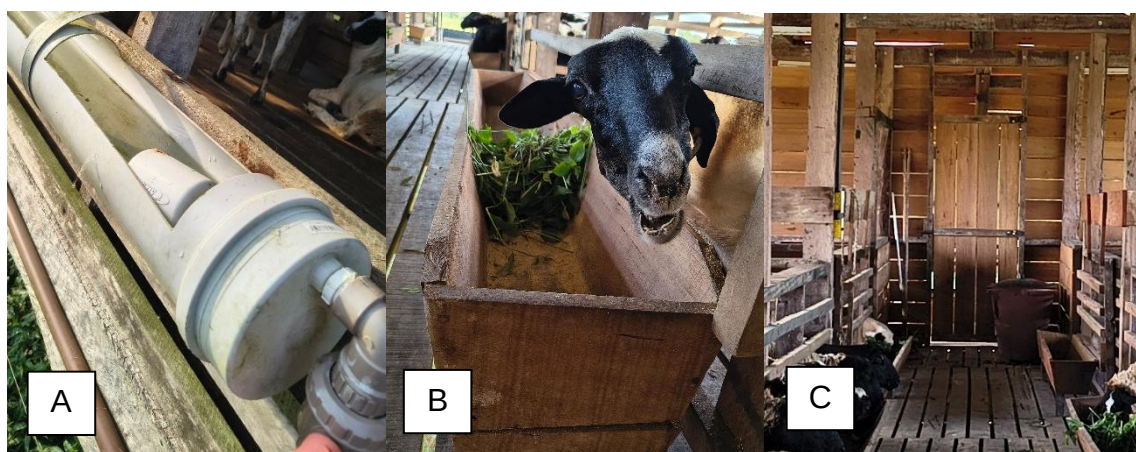
Figura 15 - Croqui da Instalação dos Ovinos



Fonte: Autoria própria

Em cada baia tem bebedouros instalados do tipo automáticos (Figura 16A) e cochos em material de madeira (Figura 16B). Com um pequeno espaço adaptado para o armazenamento da ração (Figura 16C).

Figura 16 - Bebedouros (A); Cochos (B); Armazenamento da ração (C)



Fonte: Autoria própria

Na área mais baixa do aprisco, próximo à entrada/saída, há instalação para contenção dos ovinos (Figura 17), nesta instalação possui uma projeção do tronco de contenção e uma balança. Neste local é feito os manejos com os ovinos, aulas práticas e pesquisas científicas.

As ovelhas que são liberadas ao pasto, compartilham os mesmos piquetes com os bubalinos machos, uma área com 1,96 hectares, divididos em 4 piquetes, com oferta de água em bebedouros (Figura 18A) e uma estrutura coberta (Figura 18B), com cocho, para o fornecimento de sal mineral.

Figura 17 - Área de Contenção dos Ovinos



Fonte: Autoria própria

Figura 18 - Bebedouro (A); Cocho Coberto (B)



Fonte: Autoria própria

3.5 Setor de Criação Intensiva de Catitus

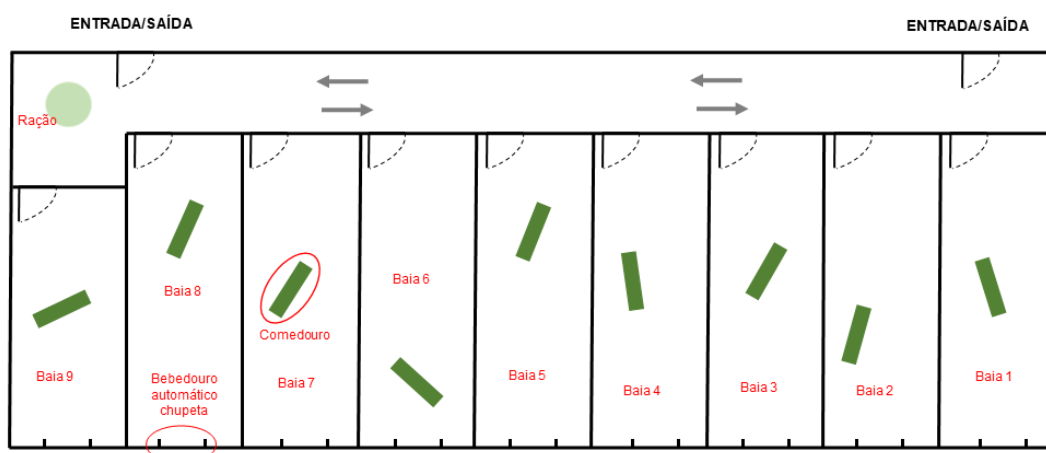
O setor de criação intensiva de catitus (*Pecari tajacu*) possui uma instalação improvisada e adaptada para criação deste animal silvestre (Figura 19), e está estruturada com 9 baias coletivas conforme o croqui (Figura 20), e atualmente abriga 66 animais, sendo 41 fêmeas, 19 machos e 6 filhotes.

Figura 19 - Setor de Criação Intensiva de Catitus



Fonte: Autoria própria

Figura 20 - Croqui da Instalação da Criação Intensiva de Catitus



Autoria própria

Há um pequeno espaço no corredor para armazenamento da ração (Figura 21A), e em cada baia possui dois bebedouros do tipo chupeta (Figura 21B) e um cocho feito de madeira (Figura 21C), para receber a ração.

Figura 21 - Armazenamento da ração (A); Bebedouros (B); Cocho (C)



Fonte: Autoria própria

Próximo ao setor, tem uma estrutura coberta (Figura 22) para acúmulo de dejetos dos catitos, que posteriormente serve como adubação para hortaliças.

Figura 22 - Estrutura Coberta para acúmulo de Dejetos



Fonte: Autoria própria

3.6 Setor de Suinocultura

O setor de suinocultura (Figura 23) da Fazenda Experimental possui uma infraestrutura composta por duas pocilgas, uma de 9 metros de comprimento por 15 metros de largura, comportando 12 baias, e outra pocilga de 8 metros de comprimento por 15 metros de largura, contendo 10 baias, totalizando 22 baias (Figura 24).

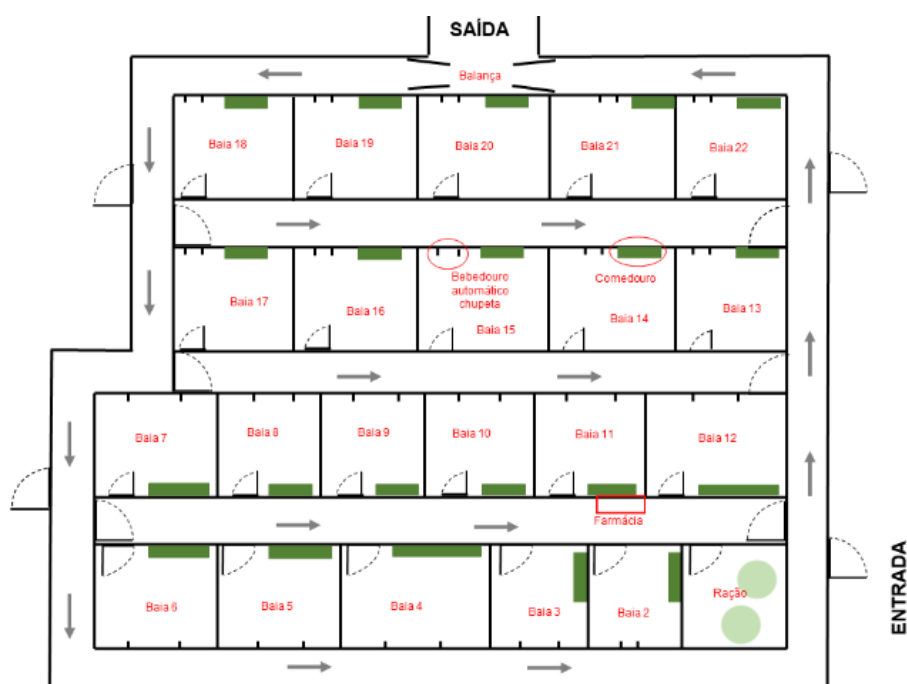
A estrutura das instalações é de alvenaria, com piso acimentado, com declividade de 3% em direção à canaletas de escoamento, facilitando a limpeza. Possui as paredes gradeadas, telhas de alumínio, e lanternim. A presença de lanternim é para auxiliar na manutenção do conforto térmico dos animais, com melhor circulação de ar natural.

Figura 23 - Setor de Suinocultura



Fonte: Autoria própria

Figura 24 - Croqui da Instalação dos Suínos



Fonte: Autoria própria

O setor possui uma área para pesagem dos animais (Figura 25A), com uma balança digital e em sua entrada tem pedilúvios (Figura 25B) com aplicação de cal virgem, possui também uma pequena farmácia com medicamentos (Figura 25C), para manejos profiláticos.

Figura 25 - Área de Pesagem (A); Pedilúvios (B); Farmácia (C)

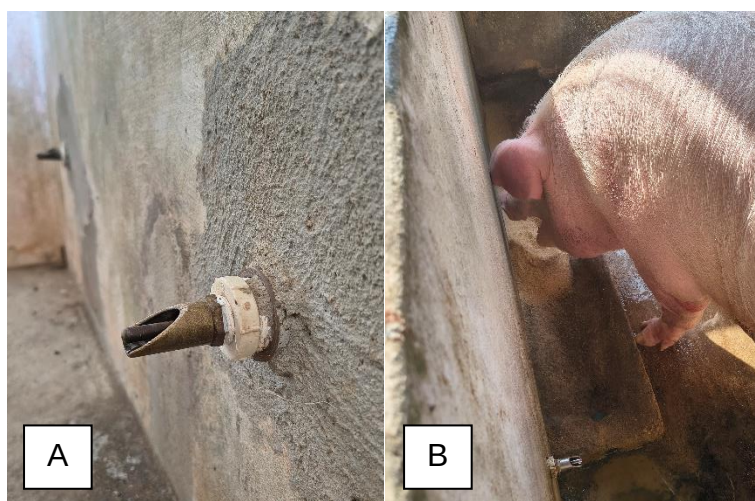


Fonte: Autoria própria

Cada baia possui dois bebedouros do tipo chupeta (Figura 26A) e um cocho cimentado (Figura 26B) para alimentação. As duas pocilgas abrigam atualmente 14 suínos adultos, predominando o cruzamento das raças Landrace e Large White, sendo 11 marrãs e 3 machos, com média de 2 anos.

Não pode ultrapassar o número de animais no setor, lembrando que o setor é voltado a pesquisa e não a produção, tendo reprodução somente quando necessário.

Figura 26 - Bebedouros (A); Cocho (B)



Fonte: Autoria própria

Conforme na Figura 27, o setor possui um sistema de abastecimento de água próprio, onde é distribuído para abastecimento dos bebedouros, para a limpeza sanitárias das baias e para os banhos nos animais. Este abastecimento é realizado por meio de um poço artesiano, que enche uma caixa de 1000 litros, operando com auxílio de uma bomba elétrica, garantindo fluxo contínuo.

Figura 27 - Abastecimento de Água



Fonte: Autoria própria

O setor conta com uma esterqueira (Figura 28) na parte exterior da instalação, para o sistema de descarte dos dejetos, que é projetado para cada baia, onde após as limpezas, os dejetos passam por canaletas dentro da instalação e prosseguem até a esterqueira, e isso faz que ocorra a decantação, e posteriormente é possível aproveitar essa matéria descartada, com a fertilização de hortaliças.

Figura 28 - Esterqueira



Fonte: Autoria própria

3.7 Setor de Avicultura

O setor de avicultura (Figura 29) da fazenda experimental conta com duas criações, sendo um espaço para criação de patos domésticos (*Anas platyrhynchos domesticus*) e galinhas poedeiras da raça ISA Brown, divididas em uma única instalação.

Figura 29 - Setor de Avicultura

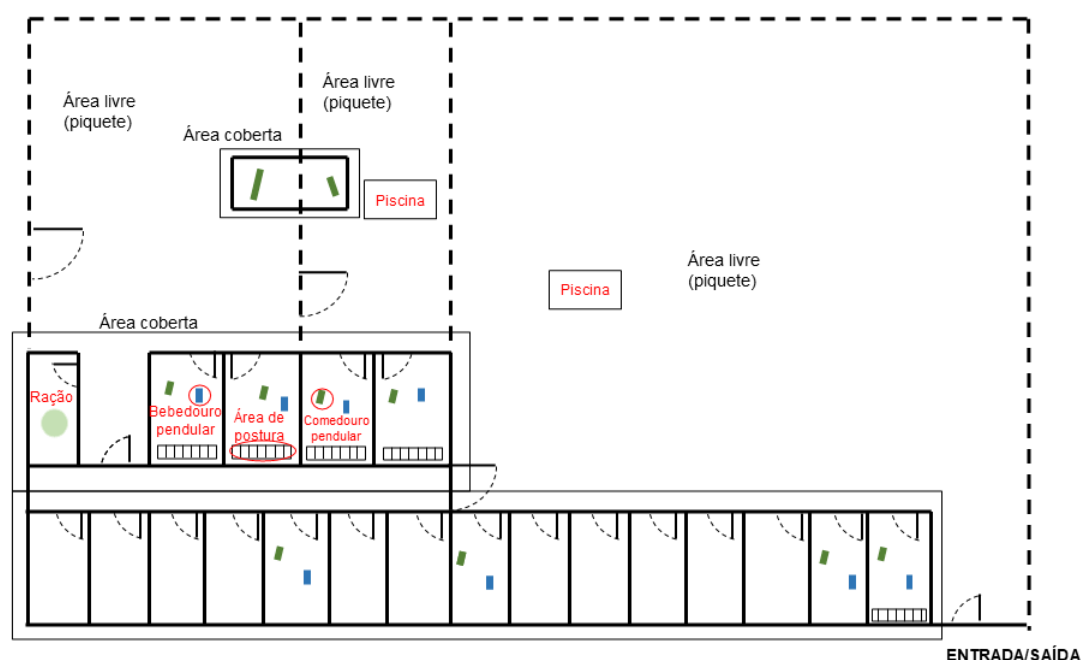


Fonte: Autoria própria

O espaço destinado à criação das galinhas poedeiras conta com 15 gaiolas, mas somente 2 são utilizadas, de maneira coletiva, abrigando 18 aves, sendo 15 galinhas e 3

galos. Para a criação dos patos domésticos, tem um espaço com 4 gaiolas coletivas, abrigando 47 aves, e 1 gaiola improvisada para abrigar 20 patos juvenis (Figura 30).

Figura 30 - Croqui da Instalação de Avicultura



Fonte: Autoria própria

Em cada gaiola ocupada, possui instalados bebedouros do tipo pendulares (Figura 331), comedouros do tipo tubulares (Figura 31B), e ninhos com material de madeira (Figura 31C) para postura dos ovos.

A granja também tem um pequeno espaço, onde é armazenado as rações (Figura 31D) para alimentação das aves, sendo um local seco e sombreado.

Figura 31 - Bebedouros (A); Comedouros (B); Ninhos (C), Sala da Ração (D)

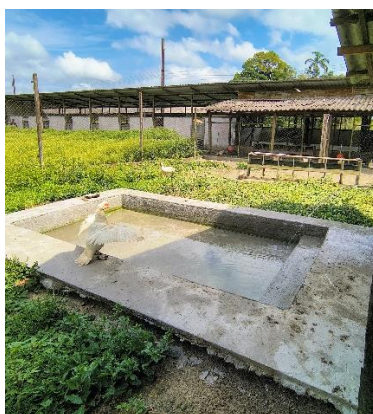


Fonte: Autoria própria

O galpão conta 3 áreas externas, servindo como piquetes, oferecendo para as aves um local para exercitar, tomar banho de sol e exercer seu comportamento natural, e com oferta

de gramínea e sombras. Dentre essas áreas, tem instalados duas piscinas, onde uma funciona normalmente próximo às gaiolas dos patos e outra interditada, por falta de reparos. Essas piscinas são importantes para trocas de penas e ao mesmo tempo proporciona conforto térmico para as aves. Há uma instalação livre com estrutura coberta próxima às gaiolas dos patos, onde proporciona sombra e conta com comedouros, bebedouros e ninhos de posturas, isso durante o dia em que os patos são soltos para a área externa (Figura 32) e final da tarde os patos são presos novamente.

Figura 32 - Área Externa



Fonte: Autoria própria

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR BUBALINOCULTURA

4.1.1 Manejo alimentar

O manejo alimentar no setor de bubalinocultura iniciava pelo período da manhã, com a liberação das fêmeas vazias, das bezerras e somente de um dos machos para os piquetes, permitindo que esses animais tivessem acesso ao pasto (Figura 33) até o final da tarde, quando eram recolhidos para as baias.

Figura 33 - Animais Pastejando



Fonte: Autoria própria

Os dois reprodutores não podiam ir ao pasto juntos, tinha alternância entre os dias, devido o histórico de conflitos. Também não dividiam os piquetes com as fêmeas, para evitar monta não controlada, dentro dos protocolos de IATF.

As búfalas que eram liberadas ao pasto, tinham a opção de sal mineral na “praça de alimentação”, sendo ofertado todas as segundas-feiras, a quantidade de 7kg.

Os três machos por não poderem permanecer no mesmo local, era divididos da seguinte forma: dois machos sendo um animal castrado/fistulado e um reprodutor, recebiam alimentação de 10kg de capim Mombaça (*Megathyrsus maximum*) triturado com a quantidade de 2kg de concentrado (Figura 34), fornecidos pelo período da manhã e tarde ao cocho, já o outro reprodutor realizava o pastejo.

Figura 34 - Alimentação para os animais confinados



Fonte: Autoria própria

Posteriormente aos diagnósticos positivos de prenhas, as fêmeas prenhas ocupavam um piquete próximo ao curral (Figura 35). Essa área, com 0,55 hectares, era destinada exclusivamente às fêmeas prenhas e contava com disponibilidade de forragem braquiária (*Urucloa decumbens*), além de estruturas de sombreamento, garantindo conforto térmico e bem-estar durante o período gestacional.

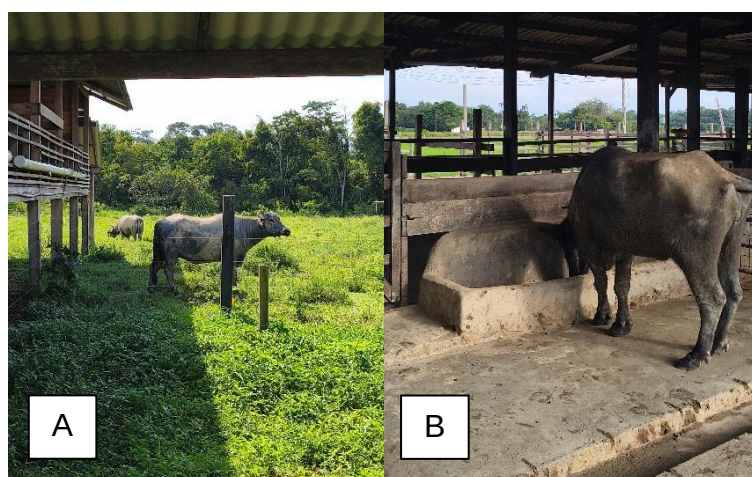
Figura 35 - Mapa do Piquete de Gestação



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

O manejo alimentar era com a soltura das fêmeas prenhas pela manhã para o piquete e ao final da tarde eram presas ao curral. Neste mesmo local, ficavam alojados animais com escore de condição corporal baixos e diferentemente das búfalas prenhas, recebiam pela parte da manhã e tarde 2kg de concentrado individualmente (Figura 36).

Figura 36 - Animais Pastejando (A); Alimentação ao Cocho (B)



Fonte: Autoria própria

O manejo alimentar adequado é fundamental para atender às exigências nutricionais dos animais e garantir desempenho produtivo eficiente. Silva (2006) destaca que dietas equilibradas, associadas ao fornecimento adequado de volumosos e concentrados, são essenciais para assegurar crescimento, reprodução saudável e manutenção do bem-estar animal.

4.1.2 Produção de ensilagem

Durante o período de estágio, realizou-se produção de ensilagem para atividades de pesquisa científica, do Setor de Bubalinocultura.

O processo para produção teve início na coleta das forrageiras (Figura 37A), onde foram coletadas 45 kg de MG12 (*Megathyrsus maximus*), 3,5kg de Amendoim Forrageiro (*Arachis pintoi*), 3kg de Java (*Macrotylona axillare*) e 1 saca da Gliricidia, levando em consideração o tempo ideal de 64 dias para colheita das forrageiras, garantindo que o material tenha teor adequado de matéria seca para uma boa fermentação. Em seguida, foi realizada a picagem do capim na sala de trituração (Figura 37B) com auxílio de uma ensiladeira do tipo TRAPP es 500, fazendo com que as partículas ficassem uniformes, para facilitar a compactação. Logo após, foi realizada as misturas em tampas de caixa d'água (Figura 37C), com quantidades exigidas para o experimento. As misturas das forragens foram as seguintes: MG12 + Amendoim Forrageiro; MG12 + Java; MG12 + Gliricidia. Realizadas as misturas, ocorria o enchimento dos silos, compactando camada por camada (Figura 37D). Cada silo possuía aproximadamente 3kg e era realizado a vedação com um pedaço de plástico e fita adesiva (Figura 37E), para proteção contra de ar e água.

Figura 37 - Processamento da Produção de Ensilagem



A ensilagem é uma alternativa eficiente para conservar forragens tropicais quando realizada em condições adequadas de colheita, teor de matéria seca, picagem, compactação e vedação. Garantindo alimento durante todo o ano, especialmente nas épocas de menor disponibilidade de pasto (Araújo, 2000).

4.1.3 Higienização das instalações

O manejo sanitário no setor de bubalinos era realizado somente no período da manhã, diariamente, logo após o manejo alimentar dos animais que ficavam no curral e da soltura dos outros animais para os piquetes.

Utilizava-se para fazer as remoções dos dejetos utensílios com uma pá, inchada e um carrinho de mão, tendo como principal objetivo a higienização das baias (Figura 38).

Figura 38 - Limpeza das Baias



Fonte: Autoria própria

Em seguida, quando eram realizadas as remoções dos dejetos, os mesmos eram levados até um local próximo ao curral (Figura 39), e eram transportados para a esterqueira coberta, com auxílio do trator. Quando ficavam secas e prontas para serem usadas como adubo, eram utilizadas nas hortaliças pertencentes a fazenda.

Figura 39 - Espaço para os Dejetos



Fonte: Autoria própria

A limpeza dos bebedouros (Figura 40) do curral era realizada apenas nos dias em que fazia necessário, quando tinha muito acúmulo de limo ou sujeiras. Quando eram observadas essas situações, era realizada a lavagem das paredes dos bebedouros com auxílio de uma escova grande, garantindo água limpa e segura para o consumo.

Figura 40 - Limpeza dos Bebedouros



Fonte: Autoria própria

Os comedouros (Figura 41) eram higienizados diariamente devido a constante deposição de restos de ração do dia anterior.

Eram retiradas sobras, poeiras e qualquer outro material acumulado, evitando contaminações que poderiam prejudicar o bem estar dos animais. Posteriormente feitas as limpezas dos comedouros, ficavam adequados para receber novas porções de alimentos.

Figura 41 - Limpeza dos Comedouros



Fonte: Natividade (2025).

Segunda Embrapa, 2015, a higienização das instalações (varrição, raspagem, lavagem, desinfecção e manejo de dejetos) reduz carga microbiana, previne zoonoses e melhora condições de conforto térmico e sanitário. Apontando procedimentos práticos, frequência,

produtos e fluxo de resíduos e enfatizam registro e treinamento da equipe como itens cruciais.

4.1.4 Diagnóstico de gestação e pesagem dos animais

Em relação ao planejamento reprodutivo do setor, foi possível no período de estágio, acompanhar o diagnóstico de gestação das búfalas, conduzido pelo supervisor e pelo professor, responsável por projetos vinculados aos bubalinos.

Foram realizadas as contenções dos animais até a área do tronco (Figura 42), individualmente, adotando uma linha de manejo, sendo as primeiras, as que não tinham sido protocoladas e em seguida, as que estavam com protocolos de Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF). Neste momento foram realizados ultrassons por imagens, através de um dispositivo de ultrassom portátil da marca Mindray (Figura 43), para identificação de possíveis matrizes prenhas, tendo o máximo de cuidados para garantir segurança das búfalas.

Figura 42 - Contenção dos Animais



Fonte: Autoria própria

Figura 43 - Diagnostico por Imagens



Fonte: Autoria própria

Além do diagnóstico, também foi realizada avaliação da condição corporal das búfalas e pesagens, para identificar possíveis alterações na saúde e verificar se estavam com peso e escore de condição corporal adequados para a fase reprodutiva, tomando medidas para definir estratégias de manejo nutricional e sanitário, assegurando para ter uma gestação saudável.

Como não foi possível participar do protocolo de IATF, teve-se uma aula prática (Figura 44) juntamente à turma de Bubalinocultura do curso de Zootecnia da Ufam Manaus, sobre as técnicas inseminação. Durante as explicações, foram apresentados principais protocolos hormonais utilizados, os objetivos da sincronização do cio e as vantagens dentro do sistema de produção, como o melhor controle do período reprodutivo e o aumento da eficiência das inseminações. Também pode-se observar os materiais utilizados no processo e compreender como é realizada a aplicação dos hormônios, simulando na prática uma inseminação artificial.

Figura 44 - Aula Prática



Fonte: Autoria própria

A incorporação de biotécnicas reprodutivas, como a IATF, e o uso de ultrassonografia para diagnóstico de prenhez são estratégias comprovadas para aumentar a eficiência reprodutiva e o controle do intervalo entre partos (Baruselli, 2011).

4.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE OVINOCULTURA

4.2.1 Manejo alimentar

O manejo alimentar dos ovinos era realizado da seguinte forma: parte do rebanho era solto pela manhã para 4 piquetes de alimentação, constituído com a forrageira braquiária (*Uruclloa decunbens*), e passavam o dia todo pastejando (Figura 45A) e só eram presos ao

final da tarde. Esses animais que eram soltos pela manhã, tinham o fornecimento de 4kg de sal mineral no cocho coberto, posto no piquete (Figura 45B).

Figura 45 - Animais Pastejando (A); Alimentação de Sal Mineral no Cocho (B)



Fonte: Autoria própria

No aprisco ficavam confinados o macho e duas fêmeas que apresentavam edentulismo, problemas com desgastes dos dentes molares e incisivos, e ambos recebiam alimentação diretamente no cocho (Figura 46).

Esses manejos permitiam controlar melhor a dieta dos animais que necessitavam uma atenção especial, como as que estão em recuperação, em crescimento ou condições de escores inadequados.

Figura 46 - Alimentação ao Cocho



Fonte: Autoria própria

Para os animais confinados, era realizado o corte e fornecimento do capim Arroz Nativo (*Echinochloa crus-galli*), com o fornecimento de 300g de concentrado, ofertado manhã e tarde, por animal (Figura 47). A ração tinha como formulação 6,3kg de milho, 2,8kg de farelo de soja, 3,2 de torta de cupuaçu e 0,4 de sal mineral.

Figura 47 - Fornecimento de Arroz Nativo (*Echinochloa crus-galli*)



Fonte: Autoria própria

4.2.2 Higienização das instalações

O manejo sanitário no setor dos ovinos era realizado somente na parte da manhã, logo após a liberação do rebanho para os piquetes, eram realizadas atividades de limpeza das baias com auxílio de uma vassoura e um ferro de cova. as fezes dos ovinos ficavam fixas ao assoalho então tinha que fazer as raspagens em todas baias ocupadas (Figura 48). Essas atividades tornava um ambiente mais limpo, seguro para a criação dos animais, livres de possíveis infestações.

Figura 48 - Limpeza das Baias



Fonte: Autoria própria

Eram realizadas também a limpeza dos comedouros (Figura 49A) diariamente, devido apresentarem restos de rações, isso garantia que não tinha a presença de roedores e garante um local limpo para receber novos alimentos. A limpeza dos bebedouros (Figura 49B) era realizado quando necessário, assim, quando tinha presença de limos ou outras sujeiras que afetam a qualidade da água ofertada aos animais.

Figura 49 - Limpeza dos Comedouros (A); e Bebedouros (B)



Fonte: Autoria própria

4.2.3 Coleta de amostras para experimento científico e diagnóstico FAMACHA

Teve a oportunidade de acompanhar e dar apoio para coleta de amostras de fezes (Figura 50) para fins de pesquisa científica. Os ovinos eram contidos ao tronco individualmente, em seguida eram feitas as coletas das fezes seguindo protocolos para garantir a integridade das amostras, com a obtenção do material coletado. Era realizada a identificação do animal e armazenado a amostra, para levar ao laboratório. Esse procedimento é essencial para a realização de análises parasitológicas e monitoramento sanitário.

Figura 50 - Coleta de Fezes



Fonte: Natividade, (2025)

De acordo com o manual da Embrapa (2012), a amostragem adequada de fezes e a realização de exames coprológicos são fundamentais para diagnosticar carga parasitária, estimar prevalência e tomar decisões sobre tratamentos.

Logo após a coleta, foi realizado o método de FAMACHA, que tinha como objetivo diagnosticar os ovinos acometidos com anemia causada principalmente pelo parasita *Haemonchus contortus*. Com os animais no tronco de contenção eram feitas as avaliações da coloração da mucosa ocular, utilizando a escala padronizada do cartão FAMACHA (Figura 51). Os ovinos com anemia ficavam confinados no aprisco para receber cuidados especiais.

Figura 51 - Cartão FAMACHA



Fonte: Autoria própria

O método FAMACHA, embora oriundo de estudos internacionais, foi amplamente validado e difundido no Brasil como ferramenta prática para identificar anemia por *Haemonchus contortus* e orientar tratamentos seletivos (Chagas, 2014).

4.2.4 Acompanhamento de aplicação de medicamentos

No setor, os animais diagnosticados positivamente com anemia recebiam medicamentos (Figura 52). Durante o estágio acompanhou-se as aplicações em animais acometidos, onde eram aplicados 5ml de Ferron B-12 até o animal apresentar melhorias.

Figura 52 - Aplicação de Ferro



Fonte: Tavares, (2025)

4.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE CRIAÇÃO INTENSIVA DE CATITUS (PECARI TAJACU)

4.3.1 Manejo alimentar

O manejo alimentar no setor acontecia somente pelo período da manhã, onde era ofertada ração formulada e produzida na fábrica da ração da fazenda, com os seguintes ingredientes: milho, farelo de soja, farelo de trigo, fosfato bicálcico, sal e núcleo suíno. Em cada comedouro, era fornecido 0,700g para animais adultos e 0,350g para juvenis e filhotes acima de 2 meses (Figura 53), levando em consideração os números de animais por baia.

Figura 53 - Alimentação dos Animais



Fonte: Autoria própria

4.3.2 Higienização das instalações

A rotina de limpeza das baias (Figura 54) era realizada diariamente no final da tarde. O procedimento de limpeza iniciava com a raspagem com auxílio de uma pá, removendo todas as fezes e restos de ração grudados no piso, em seguida removia com vassoura para retirar os dejetos acumulados, colocando em uma bandeja para levar todos os dejetos das baias para um local de despejos próximo ao galpão.

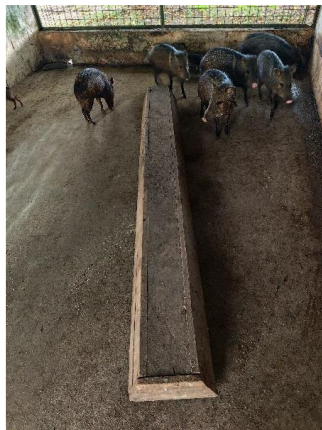
Figura 54 - Limpeza das Baias



Fonte: Autoria própria

Após a retirada total das fezes e restos de ração, era realizada a limpeza dos cochos, que posteriormente eram virados (Figura 55), impedindo que os catitus possam sujar novamente.

Figura 55 - Cochos



Fonte: Autoria própria

4.3.3 Biometria e acompanhamento de abate

Durante o período de estágio, participou-se das atividades de biometria e abate no setor dos catitus. O trabalho se estendeu por dois dias e iniciou com a captura individual dos catitus por baia (Figura 56A). Os animais possuem *microchips* subcutâneo para identificação através de um código, facilitando o controle zootecânico. Após a identificação, eram realizadas as biometrias, sendo pesagem, comprimento total, perímetro torácico (Figura 56B). Foram realizadas algumas medidas profiláticas com aplicações de cicatrizantes, para tratamentos e prevenção de miíases e antibióticos (Figura 56C). Essas atividades eram acompanhadas com alunos de pós-graduação para coletar informações e amostras para projetos de pesquisas.

Posteriormente, realizava-se a biometria, a seleção dos animais para abate, que ocorreu de forma ética e regulamentada. De acordo com Santos et al., 2015, biometrias periódicas (pesagens, perímetro torácico, comprimento corporal, medidas reprodutivas) fornecem dados objetivos para acompanhar crescimento, condição corporal e respostas a manejos nutricionais.

Foram selecionados os machos, animais com má formação nos cascos ou fêmeas com histórico de canibalismo, para reduzir a superlotação das baias, que pode abrigar até 20 catitus. O processamento do abate seguiu da seguinte forma: eram realizadas as capturas com auxílio de uma rede conduzida de maneira cuidadosa para não estressar os animais e causar acidentes com a equipe; após a captura eram levados para fora do galpão onde eram realizadas a insensibilização com uma fonte de corrente elétrica (Figura 56D). Para realiza

o atordoamento do animal, minimizando dor e sofrimento; em seguida, realizava o corte na região da jugular (Figura 56E) e logo pendurados para permitir a sangria (Figura 56F). Após a sangria, foram encaminhados ao Laboratório de Capacitação e Beneficiamento de Produtos de Origem Animal para Agroindústria (Figura 56G), onde só pessoas autorizadas acompanharam o beneficiamento da carcaça.

Figura 56 - Captura (A); Biometria (B); Aplicações de Medicamentos (C); Insensibilização (D); Corte na Jugular (E); Sangria (F); Transporte (G)



Fonte: Autoria própria

O manejo e o abate devem seguir legislação e normas nacionais (RIISPOA / Decreto nº 9.013/2017 e Instruções Normativas do MAPA) que preconizam procedimentos de manejo pré-abate, insensibilização e rotinas para minimizar sofrimento.

4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE SUÍNOS

4.4.1 Manejo alimentar

O arraçoamento dos suínos (Figura 57) era realizada pelo período da manhã e tarde diariamente, com uma quantidade de 2kg de ração para cada suíno, com auxílio de um balde de 20L e um de copo de 2kg, feito de cano PVC. A formulação da ração era com os seguintes ingredientes: milho, farelo de trigo, farelo de soja e núcleo suíno.

Figura 57 - Alimentação



Fonte: Autoria própria

4.4.2 Higienização das instalações

A limpeza das baias ocorria logo após a oferta da alimentação aos animais pelo período da manhã e tarde, onde eram realizadas as raspagens das fezes com auxílio de uma inchada e uma pá, em seguida colocada em um balde de 20L. após realizada a recolhida de toda fezes, eram encaminhadas a uma esterqueira próxima à instalação. Os comedouros eram limpos antes de fornecer a ração, com auxílio de uma vassoura, que retirava o resto de ração e sujidades de roedores.

As baias eram lavadas com jatos de água (Figura 58B), sendo na segunda feira e na quinta feira, removendo todos os restos de fezes, sujeiras e resíduos da alimentação, com objetivo de garantir um ambiente mais limpo e adequado para os suínos. Nesses mesmos dias ocorria os banhos dos suínos (Figura 58A), onde eram molhados para retiradas das sujidades e favorecer o conforto térmico.

Figura 58 - Banho nos Animais (A) e Limpeza das baias (B)



Fonte: Autoria própria

Toda água despejada para a limpeza e banhos no setor era direcionada para um canaleta, construída para direcionar os resíduos líquidos até a esterqueira próxima. O sistema de esterqueira permite o manejo adequado dos dejetos, evitando o acúmulo de sujeiras e odor.

4.4.3 Acompanhamento de aula prática de pós-graduação

Houve a oportunidade durante o estágio, de acompanhar uma aula prática de uma turma de pós-graduação em suinocultura no setor dos suínos (Figura 59). Tendo como principal atividade, a avaliação do conforto térmico, com auxílios de equipamentos (termômetros e globo negro); observações do comportamento dos animais, atividades e discussão sobre estratégias para minimizar o estresse dentro das instalações.

Figura 59 - Aula prática



Fonte: Autoria própria

4.5 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SETOR DE AVICULTURA

4.5.1 Manejo alimentar

A alimentação das aves (Figura 60) era realizada pelo período da manhã e tarde, onde a ração era ofertada à vontade nos comedouros das baias e nos da área externa. A formulação

da ração dos patos era diferente em relação as das galinhas poedeiras, sendo os ingredientes da ração dos patos: milho, farelo de soja, fosfato bicálcico, calcário, sal e núcleo aves, sendo ofertado em torno de 180g/ave/dia 2 vezes ao dia. Os ingredientes da ração das galinhas poedeiras eram formulados com: milho, farelo de soja, fosfato bicálcico, calcário fino, calcário grosso, sal e núcleo aves, sendo ofertado 120g/ave/dia 2 vezes ao dia.

Figura 60 - Alimentação das Aves



Fonte: Autoria própria

4.5.2 Higienização das instalações

A higienização dos bebedouros e comedouros eram realizadas somente quando necessário. A limpeza das baias com a piscina (Figura 61) com a renovação da água, era realizada pelo período da manhã nos dias de terça-feira e sexta-feira.

Figura 61 - Limpeza das Baias e Piscina



Fonte: Autoria própria

4.5.3 Coleta de ovos

A rotina da coleta dos ovos (Figura 62) acontecia diariamente no final da tarde, tendo o máximo de cuidado com a integridade dos mesmos. A média de ovos diário era em torno de 4 a 5 por galinha e 9 a 11 para patas. Após a coleta, todos os ovos eram encaminhados para a cozinha da fazenda, onde eram utilizados na alimentação dos alunos.

Figura 62 - Coleta dos ovos



Fonte: Autoria própria

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do Estágio Supervisionado Obrigatório na Fazenda Experimental da Universidade Federal do Amazonas proporcionou uma experiência enriquecedora e essencial para a formação profissional em Zootecnia. Durante os dois meses de atividades, foi possível integrar teoria e prática, vivenciando rotinas de trabalho em diferentes setores produtivos, o que permitiu aprimorar habilidades técnicas relacionadas ao manejo alimentar, sanitário, reprodutivo e comportamental de diversas espécies.

A participação em atividades como produção de ensilagem, diagnósticos reprodutivos, biometria, acompanhamento de abates, coleta de amostras e monitoramento ambiental contribuiu para ampliar o domínio de metodologia/práticas zootécnicas, reforçando a importância do conhecimento científico aplicado ao campo. Além disso, o contato direto com professores, técnicos, tratadores e alunos de pós-graduação possibilitou a troca de experiências e a construção de uma visão mais ampla sobre a organização e funcionamento de uma fazenda experimental.

Conclui-se que, o estágio foi fundamental para o desenvolvimento acadêmico e profissional, permitindo a consolidação de conhecimentos, a compreensão das demandas práticas dos sistemas de produção animal e o fortalecimento das competências necessárias para atuação ética, responsável e qualificada na área de Zootecnia.

A vivência na FaExp reafirmou a importância do compromisso com o bem-estar animal, sustentabilidade e eficiência produtiva, contribuindo para a formação de um profissional preparado para os desafios do setor agropecuário.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO NETO, R. B. de; CÂMARA, J. A. da S. Conservação de forragem: fenação e silagem. Embrapa Meio-Norte, 2000.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Decreto nº 9.013/2017 — RIISPOA. Brasília: MAPA, 2017.

BARUSELLI, P. S. et al. Protocolos de IATF em bovinos e bubalinos. Revista Brasileira de Reprodução Animal, v. 35, p. 1–22, 2011.

EMBRAPA. Manual de boas práticas agropecuárias. Brasília: Embrapa, 2015.

EMBRAPA. Manual de diagnóstico parasitológico em ruminantes. Brasília, 2012.

FAZENDA EXPERIMENTAL DA UFAM. Fazenda Experimental – Ufam. Disponível em: <https://www.faexp.ufam.edu.br>. Acesso em: 25 dez. 2025.

SANTOS, V. M. et al. Avaliação morfométricas e produtiva de animais de produção. Revista Científica de Produção Animal, 2015.

SILVA, D. J.; QUEIROZ, A. C. Análise de alimentos: métodos químicos e biológicos. 3. ed. Viçosa: UFV, 2006.